

Economistas e empresários acham um passo importante

7-4-91

Foto de Elisa Franco

Francisco Dornelles, ex-Ministro da Fazenda e Deputado federal (PFL-RJ) — “Com a assinatura do acordo da dívida externa, o Brasil conseguirá a liberação dos recursos referentes às operações do Banco Mundial e até do Fundo de Reciclagem (ex-Fundo Nakasone), do Japão. A Ministra Zélia marcou um gol ao protestar, no Japão, contra as restrições impostas pelos organismos internacionais ao Brasil.

César Maia, Deputado federal (PDT-RJ) — “Para fechar o acordo, o Governo precisou abandonar a retórica que tinha em setembro do ano passado. Aceitou negociar os juros em separado do principal e, agora, terá que trabalhar com reservas menores. Mas acredito que é um acordo razoável. Para pagar os US\$ 2 bilhões de juros, o certo seria o País gerar esta cifra de superávit fiscal.

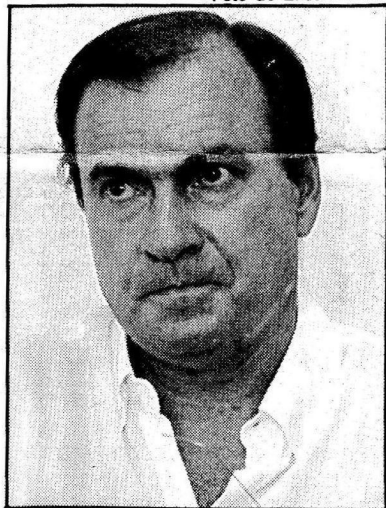
Joel Korn, Vice-Presidente Senior do Bank of America — “O acordo cria um clima favorável para as negociações sobre o principal da dívida. Mas o acerto não é suficiente para o Brasil obter novos recursos externos,



Korn: acordo cria um clima favorável

pois isso depende ainda do êxito das medidas de estabilização”.

Francisco Eduardo Pires de Souza, economista da UFRJ — “Os juros fixos acertados pelo Brasil para resgate dos bônus são maiores que os obtidos pelo México e pela Costa Rica. Na opção de juros fixos, o Brasil pagará juros progressivos de 7 13/16%, 8 3/8% e 8 3/4%, nos primeiros três anos, enquanto o



César Maia: reservas serão menores

México conseguiu juros fixos de 6,5% e o próprio Brasil, no acordo dos bônus de saída, em 1988, pagara juros de 6%”.

Luiz Adelar Scheuer, Vice-Presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Veículos Automotores — “O acerto é um grande passo para o Brasil abrir caminho para novos acordos, que possam resultar em novos investimentos externos”.